

Prólogo

Organizações e movimentos periféricos nas redes digitais

Pedro Rodrigues COSTA

CECS – Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade

Edson CAPOANO

CECS – Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade

Daniel BARREDO-IBÁÑEZ

Universidad del Rosario (Colombia); Fudan University (China)

O livro “Organizações e Movimentos Periféricos nas Redes Digitais Ibero-Americanas” é um esforço coletivo para retratar diferentes aspectos da atuação de forças sociais no ambiente virtual, sob o prisma das periferias, conceito em plena construção, como ressalta a investigadora Mara Rovida (2020).

Estudos geográficos e sociológicos atrelam *periférico/a* à regiões e a indivíduos afastados dos centros urbanos e dos equipamentos sociais, marcados pela pobreza e segregação (D’Andrea, 2013). Essa mesma periferia geraria uma noção identitária de quem produz o território (Santos, 2002), a ponto de ser um local *em potência*, dada a dinâmica social poderosa realizada por seus sujeitos periféricos (D’Andrea,

2020). No que se refere à comunicação social, as periferias deteriam o potencial do que Rovida chama de *diálogo social solidário* nas bordas urbanas, (2020. 6), uma reinterpretação da Solidariedade Orgânica (Durkheim, 1977, in 2004), em dinâmica de cooperação necessária ou interdependência, e da prática jornalística como forma de interação social, ação coletiva e dependente da interação entre sujeitos (Medina, 2014).

Hoje, a comunicação social realizada por meio da *web* (como faz o ciberativismo ou os meios nativos digitais, por exemplo) também utiliza o termo para marcar a singularidade das comunidades representadas (Rovida, 2020). O envolvimento com o território, sentir-se parte da comunidade e comprometer-se socialmente também aumentou a qualidade do trabalho de jornalistas que trabalham em periferias, por exemplo (Capoano, Martini, Alencar, 2021. 350). Assim, a mudança do ecossistema comunicacional ocasionada pela internet e pelas plataformas sociais permitiu a visibilidade de iniciativas que valorizam o local, ao mesmo tempo que se conectam o debate público das periferias com outros centros.

É nesse contexto que os espelhos sociotécnicos das plataformas digitais ressignificam as relações de distância, de hierarquia e de tempo que forjaram os conceitos de periferia, tornando-se campos poderosos de intermediação-ação por parte de seus utilizadores. Atores periféricos na sociedade podem alcançar centralidade nas redes, bem como seus discursos; aproximações entre periferias distantes fisicamente ocorrem pelos atalhos e lógicas das redes, bem como novos arranjos periféricos, possíveis apenas pelas ferramentas digitais. É o que se vê nos capítulos deste livro, que tratam de discursos periféricos, no que se refere à posição da opinião pública sobre temas centrais, como o negacionismo e o populismo; de narrativas identitárias, como a universitária e a feminista; da ascensão de fenômenos sociais para o ciberespaço e o seu inverso, a materialização de atividades digitais para as ruas.

Assim, no primeiro capítulo, Pedro Rodrigues Costa, Edson Capoano e Daniel Barredo Ibáñez focalizam um dos fenômenos emergentes

característicos da participação *online*, a captura de atenção, processo que parte da fusão entre a mídia e as plataformas e que passa pelo questionamento das emoções dos usuários. Esta é uma questão chave em um momento determinado pela hipercompetitividade, motivada pela abundância de plataformas. A captura de atenção, conforme explicado neste capítulo, gera efeitos tão perniciosos quanto o chamado efeito caça-níqueis, que transfere para a ciberesfera as rotinas de uso e recompensas, típicas dos cassinos. E isso sem levar em conta outros efeitos que, como o medo de ficar de fora ou a síndrome da ansiedade, acabam por enfraquecer emocionalmente o indivíduo contemporâneo. Segundo os autores, as tentativas de manipulação comportamental e de consumo forçam os cientistas sociais a explorar essas novas lógicas relacionais, as estratégias que as orientam, bem como os emissores daqueles que as motivam.

No segundo capítulo, Daniel Paiva de Macêdo e Márcia Vidal focam justamente em uma das plataformas sociais mais utilizadas, que usa -e abusa- para chamar a atenção. Especificamente, este trabalho estuda as páginas do Facebook utilizadas por estudantes das universidades cearenses para debate, entre 2016 e 2017. Por meio do exame de 897 publicações, em uma abordagem quanti-qualitativa mista, os autores questionam o diálogo estabelecido por meio dessas páginas. Aliás, alertam para os perigos da “fetichização”, que relaciona a abertura de espaços *online* ao uso concedido a esses mesmos espaços. Nesse sentido, o uso de páginas do Facebook sem uma estratégia clara leva a um baixo comprometimento e participação dos usuários associados a essa conversa. E mesmo essas comunidades podem ocorrer no chamado *overposting*, que provoca saturação de ideias e a falta de interação como problemas latentes.

A identidade digital geralmente é construída em torno de imagens. Nessa perspectiva, no terceiro capítulo, Daniel Novera e Rita Ribeiro avaliam a construção da identidade europeia no ciberespaço a partir da análise de uma pequena seleção de vinhetas veiculadas na rede social Facebook. Ao estudar casos tão paradigmáticos como o Brexit

ou as migrações africanas que atravessam o Mediterrâneo, os autores observam que as narrativas midiáticas são construídas a partir de um imaginário europeu comum e a partir de casos que tendem a afetar todos os países da União Europeia. Assim, esse imaginário é construído a partir de uma noção de pluralidade que, ainda mais no campo das redes sociais, constitui um olhar crítico sobre uma concepção monolítica de identidade.

No quarto capítulo, Davide Gravato apresenta um estudo de caso sobre a chamada “Batalha do Atlântica”, evento fundamentalmente ancorado ao YouTube, em que MC’s se encontram a partir da competitividade do *hip-hop*. Ao observar um desses canais, além de realizar algumas entrevistas, o autor encontra uma reapropriação cultural do *hip-hop* nesse evento paradigmático. Essa reapropriação ocorre através de três eixos: por um lado, a “Batalha do Atlântica” se constitui como um palco planejado e consciente; por outro lado, os participantes se profissionalizam para concorrer ao concurso; e, por fim, o evento estimula a democratização dos participantes e usuários, dada a diversidade geográfica e cultural dos frequentadores.

No quinto capítulo, Pedro Rodrigues Costa, Vanessa Barros e Carla Cerqueira focalizam outro fenômeno cultural que é produto da inteligência colaborativa: a Wikipédia portuguesa e, especificamente, a participação de mulheres como editoras desta plataforma. Os autores, com este trabalho, examinam as motivações das mulheres para colaborar nesta enciclopédia *online*, um novo tema que ajuda a conhecer o ponto de vista editorial de uma das fontes de referência mais utilizadas no mundo. Este estudo baseia-se na aplicação de um inquérito a 235 editores da Wikipédia portuguesa, dos quais apenas 11% eram mulheres. Entre os principais resultados, os autores encontram uma predominância de avaliações positivas por parte das mulheres, associadas à euforia, utilidade e satisfação, no exercício do seu papel editorial. No entanto, e apesar de não serem predominantes, entre as avaliações negativas, detectaram também uma “dificuldade na utilização da plataforma” que dificultou o seu trabalho. Entre as

incômodas ideologias reconhecidas pelas mulheres, destacaram-se o fascismo, o machismo e a misoginia, o que tornou mais complexa a revisão colaborativa dos textos.

As redes sociais são, acima de tudo, plataformas multimídia colaborativas: por isso, muitas vezes são utilizadas para difundir narrativas e repertórios de ação coletiva. Assim, no sexto capítulo, José Pinheiro Neves investiga o ativismo estético que se espalha nestas plataformas e o faz, particularmente, a partir da descrição das ferramentas teóricas e metodológicas que permitem o seu exame. Nas conclusões, o autor aponta que o uso de ferramentas de pesquisa qualitativa -como a autoetnografia e o envolvimento pessoal- podem ser importantes marcos de observação para poder se abordar fenômenos difíceis de se apreender com métodos convencionais. A experimentação, em todo caso, tem que partir de princípios éticos e de situações controladas, conforme explicado neste trabalho.

Outra perspectiva de análise coletada neste volume refere-se a um assunto tão complexo quanto o suicídio nas redes sociais, que costuma ser silenciado na mídia para evitar efeitos de contágio. E essa é precisamente a questão principal do sétimo capítulo, em que Pedro Rodrigues Costa e Rita Araújo tentam compreender a forma como as redes sociais contribuem para o suicídio. Para isso, os pesquisadores indicados olham para três plataformas -Facebook, Instagram e YouTube-, a partir das quais o conteúdo associado ao “suicídio” é baixado e estudado de uma perspectiva quantitativa nessas três redes sociais. Nos resultados, os autores descrevem a existência de algumas estratégias dessas plataformas, como o aviso que é colocado no caso de conteúdo divulgado no Facebook ou Instagram após a palavra “suicídio”, ou o rótulo “conteúdo impróprio”, no caso do YouTube. Por outro lado, nessas redes não há uma estratégia automatizada que ajude a detectar esse conteúdo com base no reconhecimento das implicações ou significados não diretos dos usuários.

No oitavo capítulo, Maribel Rodríguez, Juan Carlos Ceballos e María Elena Giraldo avaliam, a partir de uma perspectiva documental,

a intersecção entre movimentos sociais e internet. Nesta contribuição de revisão, os pesquisadores traçam um banco de dados de artigos associados a cibermovimentos sociais, movimentos sociais na Internet, entre outros termos-chave, de 2000 a 2020. Dentro dos resultados, este capítulo descreve uma lacuna ligada ao uso da teoria interacionista, quando se refere à relação entre os movimentos sociais e a internet. Da mesma forma, na revisão da literatura, propõe-se a ampla utilização de denominações relacionadas aos movimentos sociais. Essa disparidade decorre de uma «polivalência» resultante do mesmo desenvolvimento conceitual, do impulso da tecnologia e da novidade de um campo de estudos em constante crescimento.

No nono capítulo, Manuel Santillán e Mathias Mackelmann examinam o ativismo de um grupo específico, os jovens cidadãos de Lima (Peru). Especificamente, interessa aos autores o grau de aceitação que a narrativa política populista desperta a partir da aplicação de pesquisas probabilísticas e segmentadas com base em estratos socioeconômicos. Após o diagnóstico localizado, os autores aplicam um desenho experimental para observar até que ponto os jovens interagem entre o conteúdo falso e o verdadeiro. A pesquisa, entre seus achados, encontra uma alta apropriação de discursos populistas de esquerda e direita neste perfil populacional -jovens de Lima-. Cerca de 8 em cada 10 entrevistados, precisamente, aceitaram esses discursos populistas, especialmente aqueles que estavam ligados às grandes questões de interesse público, como as do Governo, da imigração ou do Congresso.

No décimo capítulo, Samária Araújo de Andrade e Fábio Henrique Pereira concentram suas pesquisas nos principais atores do ativismo midiático, particularmente aqueles que fazem parte da Mídia Ninja ou grupos de jornalistas e narradores independentes no Brasil. Esses autores propõem uma abordagem direta do fenômeno por meio da combinação de métodos qualitativos, como entrevistas em profundidade e observação direta. Embora esses movimentos sejam identificados por práticas colaborativas, esta contribuição destaca

uma estrutura não inteiramente horizontal. Nesse sentido, existem colaboradores da rede que tendem a capitalizar mais responsabilidades do que outros. Da mesma forma, esses comunicadores independentes manifestam um contexto particular, pois, por exemplo, tendem a morar em casas coletivas, o que se reflete nos resultados deliberativos, bem como na legitimidade da participação desses grupos. Em linhas gerais, neste estudo, a partir do exercício vital e profissional desses narradores, observa-se uma ressignificação do próprio sistema capitalista, que, embora em alguns casos, pode estar relacionada à precariedade dos serviços (já que os comunicadores da Mídia Ninja carecem de remuneração), uma gratificação é concedida a partir de elementos que nem sempre são materiais. As relações com outros comunicadores, o prestígio concedido pela busca do bem comum, estabelecem-se como recompensas a serem levadas em conta.

A complexidade da gratificação simbólica é abordada tangencialmente no décimo primeiro capítulo. Neste trabalho, Antonela Isoglio reflete sobre a evolução do movimento *Open Source* para a comercialização de alguns de seus produtos. Para o autor, o conceito de software livre, ao contrário do que pressupõem outros pesquisadores, não foi concebido como uma alternativa sem fins lucrativos. Ao contrário, esse movimento estava vinculado às permissões e ao uso dos resultados do trabalho colaborativo, como sugerido a partir da revisão documental de fontes secundárias das bases de dados Redalyc, SciELO, Google Acadêmico, juntamente com fontes primárias individuais e coletivas. Entre as principais conclusões, este artigo aponta que o movimento do software livre foi mais uma fase do desenvolvimento capitalista, na medida em que ajudou a dispersar a discussão em torno do uso das informações geradas coletivamente.

Finalmente, no décimo segundo capítulo, Socorro López Vázquez e Adriana Montserrat Pérez Serrano partem da Teoria Ator-Rede (TAR) -aquela que alude às associações estabelecidas entre atores dentro de uma plataforma-, para estudar os imaginários turísticos. Neste trabalho, as autoras fazem uma revisão das principais contribuições em

torno desta intersecção. Conforme explicado detalhadamente, a TAR ajuda a explicar a forma como circula o conhecimento que determina a construção de imaginários, algo para o qual os autores recomendam introduzir a “perspectiva histórica de longo prazo”, vital para obter um diagnóstico mais profundo sobre as dinâmicas interativas ligadas ao turismo. O exame das redes sociais a partir dessa abordagem teórica e metodológica pode ajudar a compreender as percepções dos usuários em um momento em que, como efeito da pandemia de covid-19, houve uma redução drástica do turismo globalmente.

Esperamos que os leitores apreciem o trabalho dos pesquisadores publicados neste livro, que nos permite descobrir um mosaico da América Latina através da análise das atividades periféricas da região, com todo o potencial que este termo carrega para as plataformas sociotécnicas.

Referências

- Capoano, E., Martini, M. R., & Alencar, V. de. (2021). Identidades, perfis y procesos: elementos que componen los periodistas de la Agência Mural Jornalismo das Periferias. In J. M. Valero Pastor (Eds.), *Plataformas, consumo mediático y nuevas realidades digitales. Hacia una perspectiva integradora* (pp. 334-353). Dykinson.
- D'andrea, T. P. (2013). A formação dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo. *São Paulo: FFLCH*.
- D'andrea, T. P. (2020). Contribuições para a definição dos Conceitos periferia e sujeitas e sujeitos periféricos. *Novos estudos CEBRAP*, 39, 19-36.
- Durkheim, É. (1977). *Da divisão do trabalho social* (Vol. 2). São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- Medina, C. (2014). Narrativas da contemporaneidade: epistemologia do diálogo social. *Triade: comunicação, cultura e mídia*, 2(4).
- Rovida, M. (2020). Jornalismo das periferias—o diálogo social solidário nas bordas urbanas. *Curitiba: CRV*.